

O que é o Pampa?

Glayson Ariel Bencke
Luiza Chomenko
Danilo Menezes Sant'Anna

Nossa noção de natureza preservada normalmente está associada à imagem de ambientes fartamente arborizados. Porém, ao sul das paisagens tropicais da América do Sul, aproximadamente a partir do paralelo 30º de latitude sul, há um vasto espaço geográfico onde as árvores limitam-se a formar uma moldura ao longo dos cursos d'água ou estão confinadas às áreas de relevo mais acidentado. Todo o resto constitui o domínio privativo das ervas: gramíneas e outras plantas rasteiras perfeitamente adaptadas às condições climáticas e aos solos da região, formando um complexo sistema de campos naturais.

O Pampa, como é conhecido esse território, é um dos seis biomas terrestres ou grandes regiões naturais do Brasil. É o único que se estende por um só estado, ocupando uma superfície de 178 mil km², que representa 63% do território gaúcho e 2,1% do território nacional.

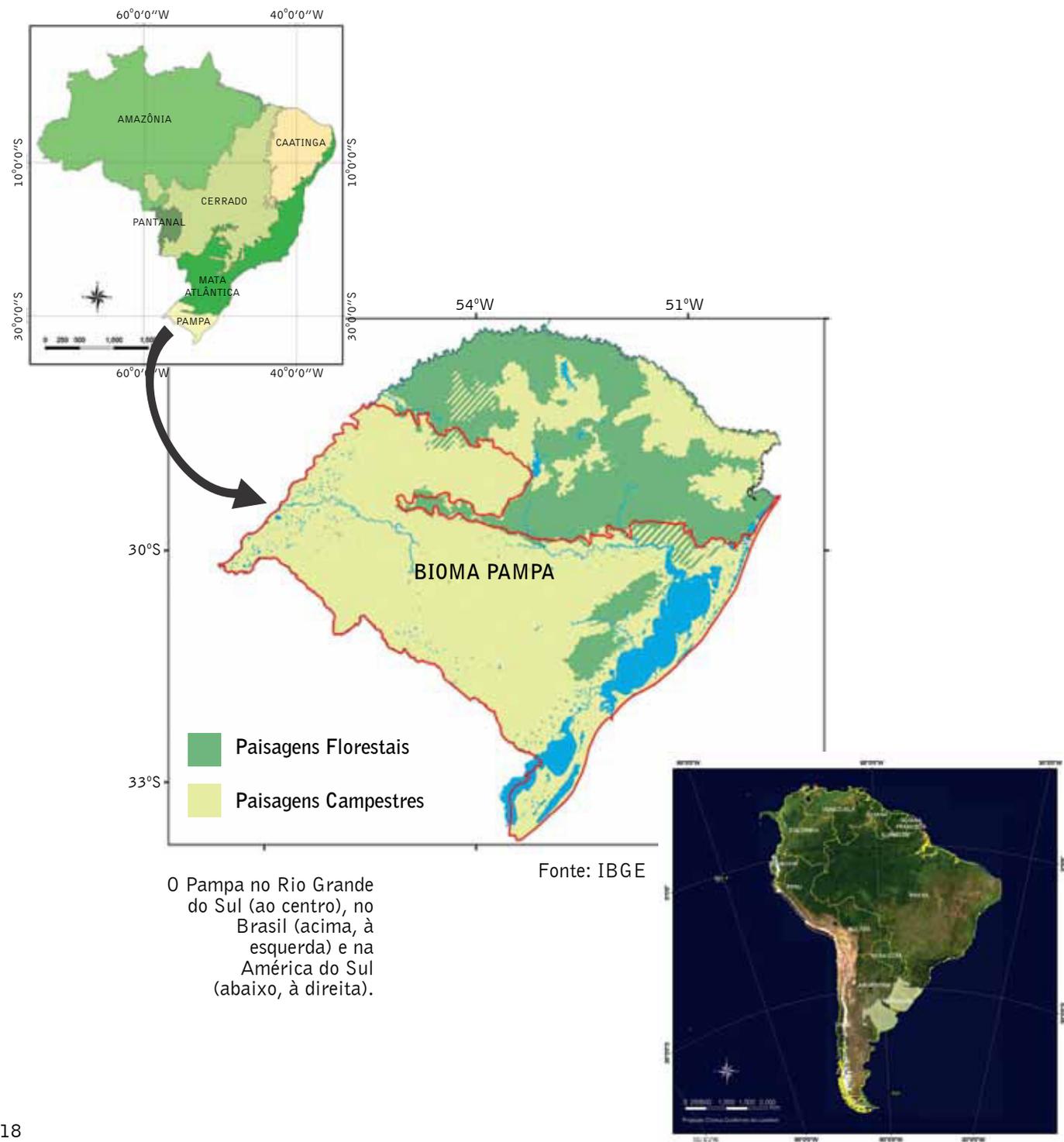
Mas o bioma não é exclusivamente brasileiro. O Pampa gaúcho faz parte de uma extensa região natural com mais de 750 mil km² que abrange todo o Uruguai, o centro-leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai, além da metade sul do Rio Grande do Sul. Essa região, denominada *Pastizales del Río de la Plata* ou, simplesmente, Campos e Pampas, constitui a maior extensão de ecossistemas campestres de clima temperado do continente sul-americano.

Globalmente, os campos temperados cobriam no passado uma área de 9 milhões de km², ou 8% da superfície terrestre, estando presentes em todos os continentes, exceto a Antártida. Na atualidade, formam o bioma mais alterado, mais ameaçado e menos

protegido do planeta, preço que pagam por terem sido, desde os tempos históricos mais remotos, um dos ambientes mais favoráveis ao estabelecimento humano e também um dos mais produtivos. Os campos temperados têm abrigado – ou historicamente abrigavam – algumas das maiores concentrações de herbívoros (tanto selvagens quanto domésticos) do planeta, ao mesmo tempo em que as paisagens campestres e muitas espécies de gramíneas, como o milho, o trigo, o arroz e a cana-de-açúcar, continuam provendo uma importante base alimentar ao homem. A maior parte desses ecossistemas foi profundamente modificada pela atividade humana e, em 2010, apenas 3,4% dos campos temperados do mundo estavam inseridos em áreas de preservação ambiental, comparados aos mais de 20% de florestas tropicais e subtropicais protegidas.

No Brasil, o Pampa foi oficialmente reconhecido como bioma apenas em 2004, alcançando *status* equivalente ao da Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal, Cerrado e Amazônia. Até então, estava vinculado aos chamados Campos Sulinos, como parte do Bioma Mata Atlântica. Essa distinção inseriu formalmente o Pampa na agenda ambiental nacional, contribuindo para a conservação do rico patrimônio natural e cultural da região e permitindo destacar, inclusive no âmbito da legislação, a importância, a singularidade e as potencialidades desse ambiente campestre único no mundo.

O Pampa sustenta uma vida silvestre peculiar e diversificada, composta em grande parte por organismos adaptados ao ambiente campestre. Há várias espécies



de plantas e animais endêmicas do Pampa, ou seja, que não existem em qualquer outra região do planeta. Essa biodiversidade, em seus diversos níveis de organização, é responsável pelo provimento de inúmeros serviços ecossistêmicos que contribuem para o sustento e o bem-estar humano, como a purificação das águas, o controle de pragas agrícolas, a estocagem de carbono (que contribui para a regulação do clima do planeta), o controle da erosão e a reposição da fertilidade do solo, além de ser uma importante fonte de recursos genéticos, principalmente de plantas forrageiras e ornamentais. O Pampa também proporciona paisagens de grande beleza cênica e alto valor para o turismo e o lazer.

Contudo, não basta apresentar o Pampa apenas como um espaço natural, de paisagem, vegetação e biodiversidade típicas. Qualquer definição que se pretenda dar a essa região será incompleta se não considerar a dimensão sociocultural. Com efeito, é impossível pensar no Pampa sem que imediatamente venha à mente a figura do gaúcho, o habitante natural da região, completamente integrado ao seu meio e hoje conhecido muito além das fronteiras do Rio Grande. O Pampa é o berço do povo gaúcho, cuja cultura e tradições foram construídas sobre os campos nativos de um território de fronteira flutuante e em íntima associação com a atividade econômica mais antiga na região: a criação extensiva de gado.

O ambiente natural do Pampa forjou o gaúcho, e este, por sua vez, moldou o seu meio, tendo o gado e o cavalo como coadjuvantes. Os traços culturais do gaúcho se manifestam na sua indumentária típica, no cancionero regional, em seus costumes, na culinária, na arquitetura e nas lidas campeiras, fazendo do Pampa uma verdadeira paisagem cultural. O gaúcho é o *comboy* dos campos do sul da América do Sul e traz arraigado todo um mundo de tradições e culturas.

O Pampa visto sob diferentes olhares

A palavra pampa provém da língua quíchua e significa planície. Jaime Caetano Braun, poeta e compositor gaúcho, assim descreveu o Pampa: “é a planície sem fim que vai do Rio Grande do Sul aos contrafortes dos Andes na taiga da Cordilheira. É o campo imenso – a pradeira, dos centauros campesinos,

rio-grandenses e platinos, titãs da raça campeira. Vem do Quíchua – e quer dizer, o campo aberto – a planura, o descampado – a lonjura, a várzea que se destampa. Nele a liberdade acampa e o civismo não estanca.”

O fotógrafo Leonid Streliaev, em seu olhar artístico apurado, refere-se ao Pampa como “o lugar onde se enxerga longe. É essa a característica do gaúcho, um povo que enxerga longe, através da infinita horizontalidade do Pampa. (...) Nos pampas não existe perto, tudo é longe, é distante. Essa silenciosa monotonia do Pampa é muito bonita.”

A própria denominação “gaúcho” envolve todo um simbolismo no que diz respeito às suas origens. Muitos historiadores, autores e poetas, entre eles Barbosa Lessa e Vargas Netto, resgataram em suas manifestações o surgimento dessa denominação. J. C. Braun assim a descreveu: “gaúcho talvez derive do termo quíchua “huachú”; talvez do “cachú” ou “cauchú” do linguajar araucano; não há registro do ano do seu aparecimento, nasceu como nasce o vento do próprio solo pampiano. O termo foi, a princípio, de cunho pejorativo e sinônimo efetivo de máulas e changadores, de ladrões e coureadores, que se cruzam ao léu, morando sobre o chapéu, sem lei – sem Deus – sem temores. Gaúcho – enfim – é o nativo do velho pago sulino, irmão “Del gaucho platino”, campeador americano.”

A integração do gaúcho com o seu meio é retratada de forma graciosa e simbólica na poesia de Ruy Ramos, político, advogado e tradicionalista itaquense: “Tronco e gaúcho nasceram no mesmo pampa deserto, pelearam de peito aberto, enfrentando vendavais: um no lombo dos baguais, outro na fúria do vento, sempre livres, ao relento, como centauros iguais...”

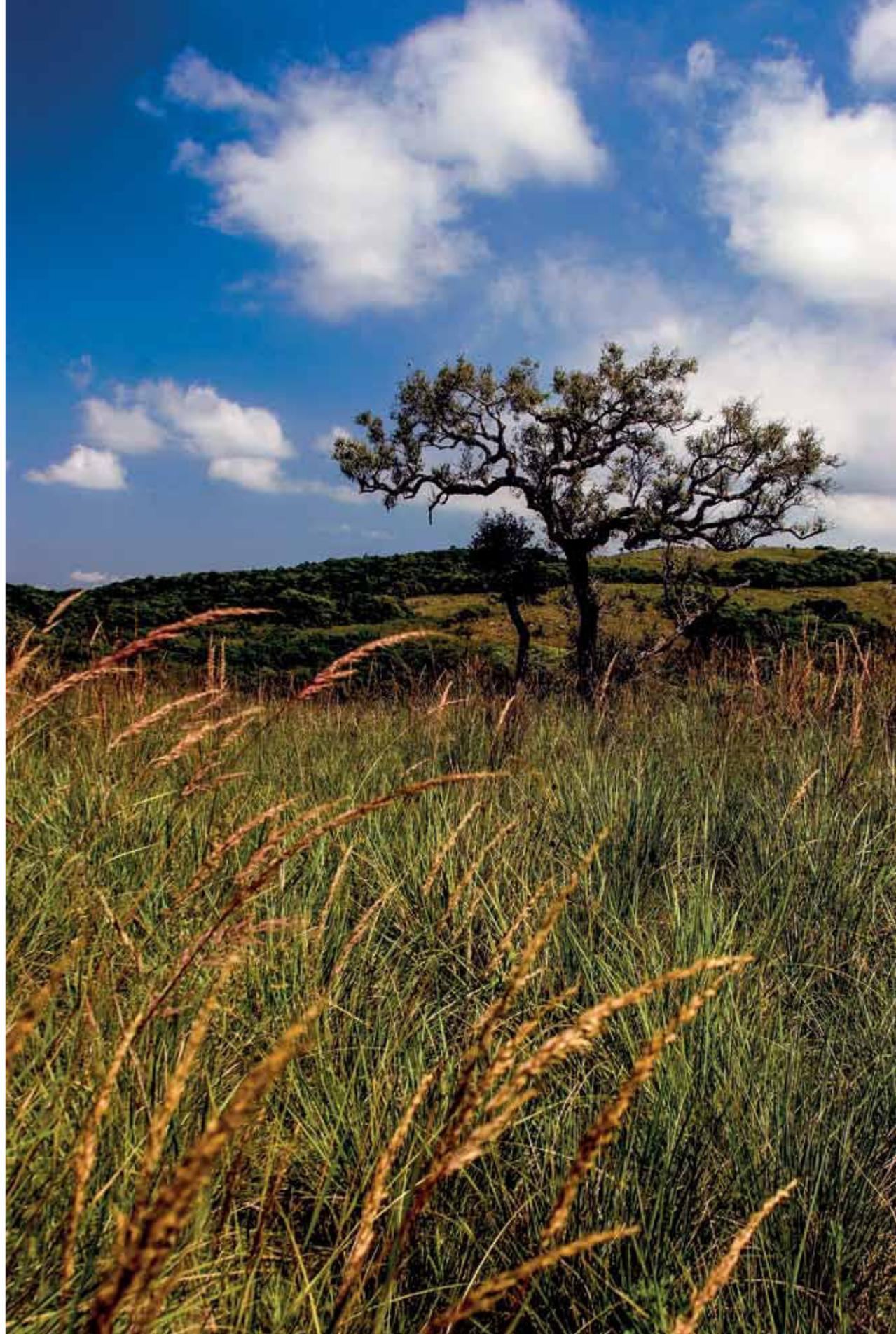
Já a integração cultural dos povos latinos que compartilham o Pampa fez surgir um vocabulário característico, composto por palavras cujas origens denunciam as distintas etnias que formaram o gaúcho. A formação do dialeto regional se deu basicamente por uma mescla de vocábulos hispânicos, lusos e indígenas. O escritor e filólogo Felipe Simões Pires mostra algumas dessas palavras, que com o passar dos tempos passaram a fazer parte do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul:

- Abichornado – crioulo – acovardado, apequenado.
- Áiga-te (âigale-te) – espanhol – interjeição de surpresa que enaltece o que foi ouvido; âigate.
- A la pucha (a la putcha) – espanhol – interjeição de surpresa que enaltece o que foi ouvido; âigate.
- Andar a/pelo cabresto – português – o mesmo termo que designa a condução do animal, indica que alguém está sendo conduzido por outro.
- Andar de rédea solta – português – também se referindo a pessoas, significa que alguém não sofre controle estrito de nada nem de ninguém; um momento de folga.
- Bagual – crioulo – cavalo que não foi castrado; homem.
- Balaquear – crioulo – gabar-se, mentir, conversar fiado; vanguardar-se.
- Barbaridade – português – barbarismo; tanto adjetiva como pode ser uma interjeição de espanto.
- Bate-coxa – português – baile, dança.
- Bombacha – espanhol platino – peça (calça) que caracteriza a indumentária gaúcha. Tem origem turca e foi introduzida na América pelos comerciantes ingleses, de presença marcante no Pampa platino.
- Buenacho – espanhol – muito bom, excelente; bondoso, cavalheiro.
- Campanha – português – planície rio-grandense; pampa.
- Castelhana – espanhol – indivíduo oriundo de Uruguai ou Argentino.
- Cevador – português – pessoa que prepara o chimarrão e o distribui entre os que estão tomando.
- Charque – espanhol platino – carne de gado, salgada em mantas.
- Chasque – quíchua – mensageiro, estafeta.
- Chiru (xiru) – tupi – índio velho, indivíduo de raça cabocla.
- Chucro (xucro) – quíchua – animal arisco, nunca domado; pessoa de mesmo temperamento ou sem empirismo, inexperiente.
- Cusco – espanhol platino, provavelmente já emprestado do quíchua – cachorro pequeno e de raça ordinária (ou sem); guaipeca.
- De orelha em pé – português – da mesma forma que o animal de sobreaviso ergue as orelhas, tal supõe-se faça o homem.
- Engasga-gato – português – ensopado feito com pedaços de charque da manta da barrigueira.
- Garupa – francês – a parte superior do corpo das cavalgadas que se estende do lombo aos quartos traseiros; também usado para definir a mesma área no corpo humano.
- Gaúcho – origem desconhecida – termo inicialmente utilizado de forma pejorativa para descrever a cruzia ibero-indígena, hoje é o gentílico de quem nasce no Estado do Rio Grande do Sul.
- Gauderiar – espanhol platino – vagabundear, andar errante, sem ocupação séria; haragano.
- Gaudério – espanhol platino – vagabundo, desocupado, nômade; atualmente, é uma referência estadual ao povo da cam-

panha, simplesmente, como gaúcho.

- Guaiaca – quíchua – invenção gauchesca que se usa sobre o “cinturão europeu”; significa bolsa em sua língua original.
- Guaipeca – tupi – cachorro pequeno e de raça ordinária (ou sem), cusco.
- Guri – tupi – criança, menino; serviços que faziam trabalho leve nas estâncias.
- Haragano – espanhol – nômade, renitente; cavalo que dificilmente se deixa agarrar.
- Jururu – tupi – triste, cabisbaixo, pensativo.
- Macanudo – indicado como sendo espanhol platino – bom, superior, poderoso, forte, inteligente, belo, rico, respeitável; um adjetivo positivo de uso genérico.
- Mate – quíchua – bebida preparada em um porongo, com erva-mate e água quente; chimarrão.
- Minuano – indicado como sendo espanhol platino – vento andino, frio e seco, que sopra do sudoeste no inverno.
- Morocha – espanhol platino – moça morena, mestiça, mulata; rapariga de campanha.
- Nativismo – português – amor pelo chão onde se nasce e sua tradição.
- Orelhano (aurelhano) – espanhol platino – animal sem marca nem sinal; também serve para pessoas.
- Pago – espanhol/português – lugar onde se nasceu; como o gaúcho original era um nativo descendente de imigrantes e não pretendia deixar seu solo em hipótese alguma, o termo também designa, genericamente, a região da Campanha.
- Pampa – quíchua – vastas planícies do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, coberta de excelentes pastagens que servem para criação de gado; em quíchua, “pampa” significa “planície”.
- Paisano – português/espanhol – patricio, amigo, camarada; camponês e não militares.
- Pelo duro – espanhol – crioulo, genuinamente rio-grandense; também significa pessoa ou animal sem estirpe.
- Poncho – origem incerta, araucano ou espanhol – espécie de capa de pano de lã de forma retangular, ovalada ou redonda, com uma abertura no centro, para a passagem da cabeça.
- Puchero (putchero) – espanhol – sopão com muito vegetal e carne de peito, sem tutano e sem pirão.
- Querência – espanhol – o lugar onde se vive; derivado de “querer”, caracteriza o amor que o gaúcho tem pela sua terra.
- Tapejara – tupi – vaqueano, guia ou prático dos caminhos; gaúcho perito, conhecedor da região.
- Tchê – provavelmente espanhol – termo vocativo pelo qual se tratam os gaúchos; é o mesmo “che” (“txê”) do espanhol, que se consagrou com Ernesto Guevara, o “Che”.
- Topete – português/espanhol – audácia, arrogância, atrevimento; saliência da erva-mate que fica fora d’água na cuiá de chimarrão.
- Tropeiro – português/espanhol – condutor de tropas, de gado.

Morro São Pedro, Porto Alegre, novembro de 2008.





Cerro do Tigre, Alegrete,
abril de 2008.



Serra do Caverá, entre
Rosário do Sul e Alegrete,
janeiro de 2010.



Lavras do Sul,
agosto de 2007.



Caçapava do Sul,
junho de 2015.



Noivinhas-de-rabo-preto
(*Xolmis dominicanus*)
Lavras do Sul,
dezembro de 2007.

Alstroemeria albescens
Morro São Pedro, Porto
Alegre, março de 2009.

